



CULTO E POPULISMO: REFORMA DO PENSAMENTO E DESINFORMAÇÃO NAS DEMOCRACIAS

João Victor Mallet^{1*} e Marcelo Carregosa^{2*}

Resumo

A história conta com diversos líderes que usaram de meios de dominação para se manterem como figuras importantes. Nesse ponto, apesar das democracias modernas frearem práticas que concentrem o poder na mão de poucos indivíduos, os modos de manipulação ainda possuem fatores determinantes que se assemelham a práticas destrutivas que distorcem a realidade como a existência de cultos a partir da reforma pensamento. Nesse ponto, é preciso discutir se o modus operandi de dominação do indivíduo no cultismo se relaciona com as democracias modernas nas práticas de dominação dos populistas contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência Política. Sociologia. Contemporaneidade. Direito Constitucional. Direito Penal. Hermenêutica

CULT AND POPULISM: REFORM OF THINKING AND DISINFORMATION IN DEMOCRACIES

Abstract

The story has several leaders who used means of domination to remain important figures. At this point, despite modern democracies curb practices that concentrate power in the hands of a few individuals, the ways of manipulation still have determining factors that resemble destructive practices that distort reality as the existence of cults from the thought reform. In this point, it is

^{1*}Bacharel em Direito pela Universidade Veiga de Almeida, Editor de Política e Direito na página Centrismos, Mestrando em Direito Constitucional pela Universidade Veiga de Almeida. Email: mallet.joao@gmail.com

^{2*}Bacharel em Direito pela Universidade PUC RIO, Delegado de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, Mestrando em Direito Constitucional pela Universidade Veiga de Almeida. Email: mbordacarregosa@gmail.com



necessary to discuss whether the modus operandi of individual domination in cultism is related to modern democracies in the practices of domination by contemporary populists.

KEYWORDS: Political Science. Sociology. Contemporaneity. Constitutional Law. Criminal Law. hermeneutics

1 INTRODUÇÃO AO TEMA

A presente pesquisa discute sobre a relação da dominação do indivíduo a partir das práticas de cultismo no populismo das democracias modernas. Procura-se demonstrar de que forma fatores como o período da pós verdade e fake news interligam com as práticas políticas populistas

O tema é controvertido, sendo necessário trazer ao debate contextos históricos, jurídicos e da ciência política, uma vez que a subjetividade do tema exige diferentes cortes de matérias diversas.

O século XXI trouxe à tona a polarização política semelhante à de momentos conturbados como a segunda guerra mundial. Ocorre que, apesar dos modelos democráticos modernos possuírem mecanismos passivos de frear a divisão política, práticas como a criação de fake news fizeram o papel de propagação de mentiras e mudança da concepção da realidade de parte da população.

Neste ponto, o trabalho tem o enfoque de trazer os acontecimentos contemporâneos e contrastá-los às práticas do cultismo na reforma do pensamento como modo de dominação da sociedade. Portanto, o objetivo é discutir de que modo cultismo, democracia, populismo, reformado pensamento e desinformação em massa se relacionam e os impactos que fatores como as fake news trazem para a sociedade.

O presente artigo se desenvolverá com pesquisa bibliográfica, com análise de obras que estejam de acordo com a proposta do artigo, buscando o enfrentamento da resposta central: de que forma os cultos influenciam a sociedade nas democracias modernas? E como ocorre a reforma do pensamento com o advento das novas tecnologias?

O método hipotético-dedutivo será fator que desenvolverá a pesquisa, posto que o pesquisador pretende desenvolver uma série de proposições hipotéticas para analisar o objeto da pesquisa.



2 A PSICOPOLÍTICA COM AS DEMOCRACIAS E O POPULISMO

Manipulação das massas, “lavagem cerebral”, formas de controle e Poder não são novidades na história da Humanidade. Provavelmente são a regra. Momentos em que os indivíduos agiram dentro de sua esfera de autodeterminação e sem influências externas de discursos ideológicos na tomada individual de decisões se tornam quase de exceção, inclusive na história contemporânea dos regimes democráticos do ocidente.

A utilização do Estado na ótica restrita de instrumento de controle das massas sempre existiu de maneira explícita, e igualmente muito clara nos modelos Absolutistas europeus do século XVI ao século XVIII, como exemplo na célebre frase de Luís XIV, o “Rei-Sol”, “*L'État c'est moi*”. O que muda, obviamente, é a arquitetura em que a forma de controle é utilizada, sua intensidade e capacidade de sujeição do indivíduo. A arquitetura da forma de controle varia de acordo com a realidade do momento civilizatório e está intimamente ligada à sua intensidade e capacidade de sujeição do indivíduo - em alguns momentos será mais amplo, e em outros mais sutil e difuso.

É incontestável que a Democracia é o modelo criado que melhor tenta evitar o controle institucional das massas, até porque em sua concepção sob o prisma Iluminista, a razão e o indivíduo são pilares fundamentais. Ocorre que, por mais que os controles democráticos institucionais sejam formulados para impedir que figuras manipuladoras da sociedade não obtenham poderes passivos de grandes desastres, o acontecimento de tragédias que foram possibilitadas pelas próprias vias democráticas por meio de mecanismos populistas e de controle em massa, não impossibilita que pessoas e ideias que se mostrem destrutivas para própria sociedade possam concentrar grande poder.

A ruptura democrática não precisa de um plano. Antes, como sugere a experiência do Peru, ela pode resultar de uma sequência não antecipada de acontecimentos – uma escalada de retaliações entre um líder demagógico que não obedece às regras e um establishment político ameaçado.

O processo muitas vezes começa com palavras. Demagogos atacam seus críticos com termos ásperos e provocativos – como inimigos, subversivos e até mesmo terroristas. (Levitsky; Ziblat, 2018, p. 79)

O Populismo é um fenômeno anterior a grande parte das Democracias modernas, e



esteve presente em maior parte das Autocracias e Estados Totalitários do início do século XX, porém encontrou perpetuidade e foi adaptado dentro do modelo Democrático. Nesse ponto, a manipulação das emoções do indivíduo no Populismo vislumbrou um terreno para continuar enraizado nos modelos de participação popular modernos. A diferença consiste na intensidade e na capacidade de sujeição dos indivíduos. No caso, a pluralidade de ideologias permite que a sociedade consiga desvirtuar dos caminhos extremos de manipulação, o que não seria possível em regimes ditatoriais ou teocráticos. O modo de dominação continua presente, porém é difuso e utilizado por diversos grupos com interesses distintos.

O estágio atual civilizatório, o qual muitos irão chamar de Pós-Moderno, marcado pela globalização, internet e hiper informação, ganha um novo *design* no populismo. A internet possivelmente se torna o principal meio utilizado para sujeição do indivíduo, o instrumento é a desinformação e o objetivo é a reforma do pensamento. Nesse ponto, cabe analisar que a reforma do pensamento é um fenômeno complexo e extremamente eficaz para sujeição do indivíduo que perde a percepção da realidade, vivendo apenas o que é dito dentro do grupo que integra, venerando seus valores e refutando tudo que vem de fora.

A reforma do pensamento é um fenômeno bem conhecido e estudado nos cultos e seitas, o século XX foi marcado por diversos episódios trágicos envolvendo esses grupos. Sempre que surgem escândalos que os envolvam é levantada a questão de como foi possível que pessoas abdicassem da realidade e vivessem dentro de uma ilusão, aceitando e participando inclusive de barbaridades que envolvessem a própria segurança de suas vidas e das demais que estão ao seu redor.

O Populismo e os cultos são similares e o paralelismo em suas características centrais é claro. Em ambos há a adoração de um líder que se traveste em forma quase messiânica, apresentando uma ideia de mundo perfeito, se valendo de instrumentos de persuasão psicológica e alterando a personalidade do indivíduo (que deixa de ser o “eu” e se torna parte de um grupo). Líderes e movimentos populistas podem ter sido germinados dentro de um microcosmo de cultos políticos, e em algum momento acabaram evoluindo ao ponto de se tornarem relevantes em um determinado cenário político. Impossível não fazer referência ao Nazismo, o qual nascera de um grupo com ideias extremistas que realizava reuniões na cervejaria *Bürgerbräukeller*, em Munique na década de 1920, até o ponto em que se tornou a ideologia dominante da Alemanha entre os anos de 1930 até 1945, e responsável pela maior atrocidade presenciada no século XX.



O Nazismo, o qual se tornara ideologia dominante por certo período da Alemanha, contrastou com ideias presentes na *Belle Époque* e defendeu princípios inegavelmente absurdos que levaram ao extermínio em massa de diversos grupos ditos como “não puros”. Embora o antissemitismo fosse algo presente em diversas sociedades do início do século XX, o Nazismo conseguiu ir além, manipulando o próprio conceito de antissemitismo, transformando o judeu na figura do “inimigo” e permitindo assim um processo bárbaro de eliminação do ser humano.

Seguindo no próprio conceito da formulação ideológica do nazismo, a banalização do mal foi perfeitamente estudada por Hannah Arendt. Esse processo só foi possível porque ideias absurdas restritas a um determinado grupo de pessoas conseguiram se infiltrar em toda aquela sociedade. A reforma do pensamento na sociedade alemã Nazista foi evidente, sendo que qualquer pessoa que esteja livre da influência de pensamentos negacionistas não consiga imaginar como o simples bom senso foi suprimido por meio de ideias genocidas e conseguiu arrastar multidões a executarem ações brutais. Ocorre que, de maneira semelhante ao controle de massas, Populismo, Totalitarismo e os cultos são pensados a partir da manipulação da vontade e paixões de muitos, e da instalação de uma ignorância pluralista de outros.

Nos Estados Totalitários é utilizado para a reforma do pensamento um meio direto: a propaganda, que nas palavras de Noam Chomsky:

Patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos outros e que tem sido adotada até os dias de hoje (Chomsky, 2015, p. 13)

Nas Democracias atuais modernas, embora a propaganda ainda seja instrumento utilizado, o Populismo também se utiliza de formas difusas para essa manipulação da realidade e a internet é o principal meio.

Atualmente presenciamos como ideias provenientes de fake news e de distorções da realidade ainda são capazes de arrebatar pessoas a serem abraçadas como verdade, como o ressurgimento de ideias negacionistas do Holocausto nos profundos fóruns de discussões de política na internet, os quais é possível presenciar o negacionismo do regime totalitário alemão é exemplo. Além disso, as - risonhas - teorias da Terra Plana (quase 500 anos depois de sua morte, Copérnico deve estar revirando em seu túmulo) tomam espaço de discussão no mundo inteiro. Não obstante, movimentos anti-vacinas (amplificados com a epidemia de COVID-19)



e assim por diante.

O Populismo tem seu irmão no microcosmo que são os cultos ou seitas. Ao analisarmos como esses cultos funcionam veremos assustadoras semelhanças no *modus operandi*. Até um certo ponto todo movimento populista pode ter sua gênese em uma forma de “culto político”, mas em certo momento ganha dimensões que podem alterar diretamente toda a sociedade.

Sem dúvida, ao olharmos as Democracias atuais, o Populismo ainda é um risco que se depara diante dos olhos, e com grande capacidade adaptativa, se valendo de novos instrumentos para reforma do pensamento (fake news, manipulação da verdade e Teorias Conspiratórias). A questão chave é que a internet trouxe novas fronteiras para o emprego da desinformação, uma vez que ela pode ser facilmente compartilhada nos grupos de WhatsApp, Facebook, Fóruns, entre outros, ocasionando em impactos significativos nas constituições e na percepção da sociedade sobre justiça e o modo de funcionamentos das instituições democráticas de um país.

3 O QUE SÃO OS CULTOS

Os cultos sempre estiveram presentes na história. Alguns foram mais infames do que outros, mas todos demonstraram que um líder carismático é capaz de alterar a realidade de seus seguidores, independentemente de credo, origem, raça. A história nos prova que pessoas seguirão um líder de forma inquestionável, mesmo nas ideias mais destrutivas possíveis.

O século XX e XXI estão repletos de narrativas documentadas de cultos destrutivos. Todos lembramos de Jim Jones, fundador da seita Templo dos Povos, responsável em “Jonestown” pela morte de 918 de seus seguidores, além do homicídio do congressista americano Leo Ryan em 1978. Charles Manson, criou na Califórnia uma seita que acreditava que um apocalipse causado por uma guerra racial iria ocorrer, o qual intitulou de “*Helter Skelter*” (em homenagem à música dos *Beatles*). O grupo de Manson foi responsável pelo homicídio de nove pessoas, incluindo a atriz Sharon Tate em 1967. Em 1997, a seita *Heaven’s Gate* (Porta do Paraíso), liderada por Marshall Applewhite e Bonnie Nettles, foi responsável pelo suicídio 38 membros, sendo que posteriormente inúmeras outras denúncias vieram à tona, como membros da seita que se sujeitaram à castração.

Outras seitas talvez não cheguem ao ponto extremo de cometer crimes contra a vida, mas não deixam de ser destrutivas. Não é raro nos depararmos com relatos de seitas que posteriormente demonstraram sua verdadeira face, como exploração econômica e sexual de seus membros. Exemplo dos casos recentes da *NXIVM*, liderada por Keith Raniere e do médium João



de Deus no Brasil - neste último caso existem denúncias de homicídios praticados no passado, porém ainda não julgados pela justiça brasileira.

Como consequência, vários psicólogos e psicanalistas dedicaram seus estudos para entender como funcionam os cultos e como essa complexa engenharia social é perpetrada. De quemodo é possível uma pessoa ser capaz de alterar a realidade de outras para que neguem todos os estímulos externos e acreditem apenas no que é pregado *intramuros*. Margaret Thaler Singer, em sua obra *Cults In Our Midst*, define os cultos como sendo:

“Um relacionamento de culto é aquele em que uma pessoa intencionalmente induz outros a se tornarem total ou quase totalmente dependentes dela para quase todas as decisões importantes da vida e inculca nesses seguidores a crença de que ele ou ela tem algum talento, dom ou conhecimento especial.

Para nossos propósitos, o rótulo culto se refere a três fatores:

1. A origem do grupo e o papel do líder,
2. A estrutura de poder, ou relacionamento entre o líder (ou líderes) e os seguidores
3. O uso de um programa coordenado de persuasão (que é chamado de reforma do pensamento ou, mais comumente, lavagem cerebral). (Singer, 2003, p. 102)

Segundo Singer, os líderes são pessoas autodenominadas e persuasivas que afirmam ter uma missão especial na vida ou conhecimento especial. Tendem a ser determinados e dominadores, além de serem carismáticos e venerarem sua própria imagem com traços extremamente narcisistas. A figura do líder está no topo da pirâmide em relação aos seus seguidores e o culto é uma estrutura autoritária, sendo o líder a figura suprema de poder, delegando algumas competências para poucos subordinados com o objetivo de garantir que os membros sigam seus desejos e regras.

A autora afirma que os cultos aparentam serem inovadores e exclusivos. Quase todos afirmam que seus membros são “escolhidos”, “selecionados” ou “especiais”, enquanto os não participantes são considerados inferiores. Os membros do culto costumam ter uma dupla ética: enquanto são instigados a serem abertos e honestos com os demais membros, ao mesmo tempo são encorajados a enganar e manipular os não membros, criando uma ambiguidade e contradição dentro de sua própria filosofia.

Nesse caso há a perfeita percepção da dualidade de morais conflitantes e dicotômicas, mas que não são percebidas aos que estão dentro do processo de lavagem cerebral. Eis que a teoria do inimigo se encaixa perfeitamente, uma vez que a relação existente está definida entre



proteger os que estão próximos e abolir todos aqueles que sejam considerados diferentes do rebanho. Para esta relação, o inimigo é todo aquele que não compartilhe da mesma identidade, não sendo considerado como parte do sistema integrante e, portanto, inimigo do grupo.

Por derradeiro, Singer diz que dentro do culto existe a própria moralidade fora dos limites sociais normais. Os cultos se utilizam de vários processos de reforma do pensamento para induzir as pessoas entrarem, permanecerem e obedecerem aos comandos do líder. Tendem a ser totalitaristas no controle do comportamento de seus membros e em suas ideologias, exibindo fanatismo e extremismo em sua visão de mundo. Igualmente exigem que os membros passem por uma grande interrupção ou mudança de estilo de vida como modo de aceitação da filosofia que está sendo imposta. A ruptura com a percepção da realidade dos membros se torna chave para que sejam desconstruídos os conceitos morais e éticos que faziam parte do indivíduo.

Em linhas gerais, é possível falar que um culto apresentará algumas características singulares apresentada por diversos estudiosos do tema: a existência de um líder ou grupo central; a presença de uma doutrina ou ideologia que tornará o vetor moral para seus seguidores; uma estrutura estratificada de Poder; controle do ambiente e utilização de instrumentos de coação psicológica com o objetivo de realizar a reforma do pensamento.

O líder é a figura central do culto, sendo colocado como moralmente superior dos demais – na verdade a superioridade moral decorre de si, ou seja, de sua própria concepção de estar “acima” dos demais membros do grupo. A reverência à personalidade é característica dos cultos, bem como o egocentrismo de seu líder. A relação existente não é da concepção de humano como pessoa comum das demais. Na prática o líder é algo superior, não sendo mundano. É divino.

Os participantes do culto se consideram especiais, como um “elitismo próprio” decorrente da concepção de se sentirem especiais por participarem de algo que acreditam ser inovador e diferente. São superiores, pois fazem parte de algo “especial”. Acreditam serem conhecedores de algo que os demais desconhecem, como a “verdade particular” que lhes é apresentada pelo líder.

Theodor Adorno, ao analisar a psicologia social por trás da propaganda nazista, afirma que a irracionalidade despertada do seguidor em relação ao líder é “*uma convicção não baseada em percepção e raciocínio, mas em um vínculo erótico*” e o “*mecanismo que transforma a libido no vínculo entre líder e seguidores, e entre os próprios seguidores, é o da identificação.*”

O líder é a fonte, a doutrina é a verdade e a lei, a doutrina. A doutrina está acima do



homem e do indivíduo, ou segundo Robert Jay Lifton:

“Essa primazia da doutrina sobre a pessoa é evidente na mudança contínua entre a própria experiência e a interpretação altamente abstrata de tal experiência - entre sentimentos genuínos e catalogação espúria de sentimentos. Tem muito a ver com a aura peculiar de meia-realidade que um ambiente totalista parece, pelo menos para quem está de fora, possuir” (Lifton, 2019, p. 83,84)

Não há democracia nos cultos. Existe uma estrutura piramidal, ou como Margaret Singer apresenta, trata-se de estrutura em forma de “T” invertido, o qual o líder exerce poder sobre os seguidores. Essa característica antidemocrática não significa que a doutrina pregue abertamente o totalitarismo, pois não seria incomum que pregassem discursos democráticos, mas que na prática agissem de maneira totalitária.

A subordinação ao líder e a doutrina de dominação sobre os indivíduos são pontos principais nos cultos. Ao se anular a individualidade, é suprimida a liberdade individual e de pensamento. Nesse ponto, perde-se a capacidade de pensar e agir por conta própria, sendo necessário seguir os ensinamentos passados pelo líder do culto mediante a doutrina. Cabe salientar que todos os meios de dominação apenas são possíveis por se tratar de uma estrutura sólida de hierarquia, o qual serve como base para os ensinamentos da doutrina específica. Ambos os pontos se complementam, uma vez que são dependentes entre si. A doutrina só pode ser passada pois existem estruturas que permitem o modo de dominação. De maneira semelhante, a estrutura só existe sob a condição de que ideologias são passadas mediante doutrinas, fazendo os membros permanecerem presos às concepções filosóficas pregadas. São como instrumentos industriais que funcionam com suas engrenagens de maneira harmônica e mantendo a roda de produção girando. Cada peça é dependente da outra, ao ponto que se estiverem separadas não farão o mecanismo funcionar.

Inserido em um grupo fechado como uma “caserna”, a radicalização é consequência natural dessa formação. Ao analisar a ideologia como espécie de violência e como atua dentro de grupos, Steven Pinker, em sua obra referência “Os Anjos Bons da Nossa Natureza”, afirma que:

Grupos podem produzir uma série de patologias do pensamento. Uma delas é a polarização. Jogue um punhado de pessoas com opiniões mais ou menos semelhantes em um grupo para misturá-las e elas se tornarão mais similares entre si, e também mais extremadas. Os grupos liberais tornam-se mais liberais; os conservadores, mais conservadores. Outra patologia de grupo é a obtusidade, uma dinâmica que o psicólogo Irving Janis chamou de pensamento grupal. Grupos são capazes de dizer a



seus líderes o que eles desejam escutar, suprimir dissidentes, censurar dúvidas privadas, filtrar e excluir evidências que contradigam um consenso emergente. Uma terceira é a animosidade intergrupos(...)O problema predominante é que grupos assumem uma identidade própria na mente das pessoas, e os indivíduos desejam ser aceitos dentro do grupo, promovê-lo em relação aos outros, e isso pode sobrepujar seu melhor julgamento (Pinker, 2011, p. 747)

É imprescindível para um culto o controle do ambiente ou do meio, assim a influência externa consegue ser facilmente eliminada. O controle do meio, chamado de “*milieu control*” por Robert Jay Lifton, é:

“A característica mais básica do ambiente de reforma do pensamento, a corrente psicológica da qual tudo o mais depende, é o controle da comunicação humana. Por meio desse controle do meio, o ambiente totalitarista busca estabelecer domínio não apenas sobre a comunicação do indivíduo com o exterior (tudo o que ele vê e ouve, lê e escreve, experimenta e expressa), mas também - em sua penetração na vida interior - sobre o que podemos chamar de comunicação consigo mesmo” (Lifton, 2019, pág. 68).

A manipulação do ambiente visa abduzir o indivíduo da realidade ou de pensamentos divergentes, homogeneizando seu raciocínio. Modo semelhante funciona o adestramento do pensamento. O indivíduo não pensa mais por si só, pois essa faculdade lhe é suprimida e seu arbítrio e vontade própria passam a ser previsíveis. É o exercício do Poder em sua forma mais agressiva sobre o indivíduo, cercando seu modo de pensamento para categorizá-lo dentro de parâmetros que foram estabelecidos dentro do grupo. Por esse meio, todos irão raciocinar de maneira parecida, como se seguissem uma “cartilha” de interpretações específicas a todos os fatos que ocorram a sua volta.

Igualmente, a coação psicológica é apresentada de várias formas e para vários fins, apresentado fatores como “confissões” dos seguidores que posteriormente poderão ser utilizados contra os membros por meio de sistemas de castigos e recompensas para atacar quem discorda, ou venha a discordar futuramente das ideias.

Aqui interessa falar brevemente das coações psicológicas externas, pois são extremamente eficazes para garantir que os seguidores permaneçam na “caserna”, bem como evitar vozes dissonantes às doutrinas passadas. Atualmente um culto chamado Cientologia, o qual possui inúmeros atores de Hollywood como membros, faz uso de técnicas de confissões de seus membros para posteriormente se utilizarem de ameaças contra estes. Também possuem mecanismos jurídicos para coagir jornalistas e outras vozes que apontam as mazelas do grupo. Esse meio de coação também foi utilizado pela seita *NXIVM*, que processou diversos ex-



membros e jornalistas que tentavam expor as verdades que aconteciam no interior do grupo. Maneira semelhante, é comum que esses ataques atualmente sejam perpetrados na forma dos “*haters*”, como um ataque coordenado à imagem da pessoa através das redes sociais, colocando informações falsas a respeito da reputação com o objetivo de humilhar, difamar ou caluniar.

O presente artigo não visa apresentar o rol com todas as características e mecanismos utilizados por cultos para reforma do pensamento, mas sim os pontos centrais que demonstram claramente como o Populismo se valem das mesmas técnicas adaptadas para a manipulação não só do pensamento político, mas da própria realidade de seus adeptos. Outrossim, é importante perceber como esses acontecimentos sociais influenciam na constituição de um país a partir de seus líderes. Uma característica das Democracias modernas é a “polarização política”. A sociedade se divide em grupos ideológicos que olham os demais como inimigos e apresentam sua própria versão dos fatos sociais cotidianos e acontecimentos políticos.

O Populismo e os cultos recorrentemente se apresentam em estrutura e características similares. A figura do líder, facilmente vista em vários políticos populistas que são apresentados como *outsiders* da política contra o *establishment*, possuem atributos ditos como divinos ou dotados de moral sobre-humana por parte de seus apoiadores. Existem diversos pontos de semelhança entre ambos. O entorno do populismo trabalha de modo semelhante ao buscar a adoração da população sobre um indivíduo. Nesses casos, há o culto ao líder, porém com as características de que as imagens “divinas” são criadas distantes de espaços reservados que possibilitariam o culto convencional. O culto político apresenta uma estrutura dúplice muita das vezes, pretende manter o controle do ambiente de um grupo, mas também necessita de publicidade, até porque o objetivo é cada vez mais angariar poder político.

Enquanto os cultos convencionais são reservados aos seus membros que frequentam seitas particulares, o populismo dos países ocidentais são amplamente divulgados, pois o objetivo destes (também) é angariar votos. São movimentos semelhantes em sua estrutura, porém a finalidade da política se difere das seitas de cultos convencionais, uma vez que possui o caráter político acima dos demais objetivos.

A doutrina e ideologia também voltam a ganhar uma nova relevância central com a adoção de ideologias extremistas ou radicalização de posições políticas consolidadas. A estrutura é estratificada e os seguidores não são permitidos de discordar do que é dito. De modo contrário, devem obedecer às diretrizes ideológicas centrais, mesmo que muitas das vezes



possuam argumentos contraditórios e moralmente errados aos seus valores.

O controle do meio é feito pela internet, e os grupos não só se comunicam através das redes sociais, como são fiscalizados e doutrinados também por meio desta, inclusive através de sites de notícias falsas direcionadas em um ambiente controlado para essa difusão. Eis que nesse ponto existe diferença: enquanto o culto busca tirar o indivíduo do ambiente físico, o afastando do trabalho, família e amigos, nos grupos políticos ainda há o “ambiente externo”, uma vez que se torna uma importante ferramenta para propagação das ideias e recrutamento de novas pessoas.

Por derradeiro, a coação psicológica também é realizada nas redes sociais, a qual ex-membros são atacados por “*haters*”, bem como todos os que sejam classificados como “inimigos” políticos, que acaba sendo qualquer pessoa não integrante do grupo. Existe a relação de inimigo aos que não fazem parte daquele movimento. Todos que possuem a mesma visão são vistos como aliados, enquanto todos discordam são vistos como inimigos do grupo.

O ponto da desinformação deve ser analisado com maior escrutínio, pois é utilizado por esses grupos políticos, uma vez que agem de forma semelhante aos cultos para a reforma do pensamento. A dinâmica das redes sociais e suas repercussões na sociedade hoje em dia são evidentes, e é inquestionável todos os benefícios que essa nova realidade trouxe para humanidade, porém não se pode esquecer do lado de propagação de desinformação e “ódio” que surgiu, e como está sendo utilizado para formação de cultos (e aqui mais especificamente de cultos políticos radicais) que atualmente conseguem influir em eleições, deteriorar instituições de Estado e manipular a opinião pública geral. Estamos diante de um novo mecanismo de reforma do pensamento que já se mostrou eficiente.

A nocividade de cultos é óbvia. É senso comum dos riscos e do potencial destrutivo que eles têm, porém quando falamos de estruturas do campo político que se assemelham nas práticas, deve-se ter certa cautela e tratar com a devida preocupação, uma vez que instituições democráticas estão em jogo e podem correr grande perigo.

4 A DESINFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO ATUAL PARA A REFORMA DO PENSAMENTO

As crenças populares são impulsionadas a fatores diversos e por vezes sem sentido. Isso não quer dizer que não exista uma diferença clara entre verdade e mentira, mas que a





verdade por si só permite interpretações. É aquela velha máxima: para o otimista o copo estará meio cheio e para o pessimista o copo estará meio vazio. Nesse caso, há a constatação de água dentro do copo, porém perpassa pela interpretação pessimista ou otimista. A verdade do fato de existir água no copo não se contesta, apesar de conclusões variadas que possam ser dadas ao fato. Existe a constatação de um fato e a verdade é extraída da percepção que se tem desse acontecimento, sendo que para isso se valerá de instrumentos externos como linguística e cultura, além de instrumentos internos (capacidade cognitiva) e subjetivos (crenças pessoais) para essa que se possa interpretar algo como verdade.

Para demonstrar o que está sendo dito, vejamos um caso hipotético. Um ateu e uma pessoa religiosa estão em um velório, e durante o enterro um quadro que se encontrava pregado na parede próximo ao caixão cai sem qualquer motivo aparente. A pessoa religiosa provavelmente acreditará que esse fato foi em decorrência de um fenômeno espiritual, enquanto o ateu tentará explicar por meio de algum fenômeno mundano (como um vento forte que entrou pela janela e derrubou o quadro ou o prego que poderia ter soltado). O fato é que temos um acontecimento comum, sendo “o quadro que caiu durante um velório próximo ao caixão”, e desse acontecimento surgem duas interpretações diversas que levaram em considerações fatores subjetivos das pessoas presentes. Caso questionemos para cada um dos envolvidos sobre a verdade dos fatos, a princípio a resposta não será apenas que “um quadro caiu no chão durante um velório”. A pessoa religiosa provavelmente irá nos contar que por um motivo espiritual o quadro caiu no chão. Maneira contrária a pessoa atea irá nos falar que o quadro caiu no chão apresentando alguma hipótese comum para ter sido um fenômeno natural.

As crianças normalmente acreditam no Papai Noel e dentro de seu espectro cognitivo a informação que recebem faz com que elas não tenham motivo para duvidar de sua existência. É esperado e compreensível que até uma certa idade tenha uma criança que fale sobre algo relacionado ao Papai Noel esteja falando a verdade. Para um adulto, em plena capacidade cognitiva, sabe que trata-se de uma mentira, porém é uma mentira convencionalizada pela sociedade que pode ter como objetivo preservar a inocência da infância das pessoas para que seja mais pueril em contrapartida aos problemas e complexidades que enfrentarão na vida adulta. Esse inclusive é um fator levado em consideração no dia a dia de Delegacias de Polícia que lidam com crimes contra crianças e adolescentes. A verdade dita pela vítima normalmente precisa ser “reinterpretada” por psicólogos especializados em depoimentos infantis, para que seja



“traduzido” para uma verdade dos “adultos”.

Todo dia os fatos que nos são apresentados em maior ou menor grau possuem fatores interpretativos externos (fatores sociais) ou internos (inerentes do indivíduo). Isso não quer dizer que estamos diante de uma mentira, mas tão somente de natural plasticidade de um conceito de verdade. Então o que é a mentira? A mentira ocorre quando se externa algo de forma deliberadamente falsa sobre algum fato, pois a interpretação pelo indivíduo foi verdadeira, porém ao comunicar de forma consciente faz de maneira a não corresponder com o que constatou.

É creditado à Joseph Goebbles, ministro da propaganda nazista, a frase: “uma mentira contada mil vezes torna-se verdade”. Atualmente com a internet vemos esse perigo em nova forma, sendo uma mentira travestida de verdade que em poucos segundos já foi compartilhada mais de mil vezes. A internet deu voz a todos, não existindo mais barreiras para diferentes para a emissão de falas. O efeito desse fenômeno foi a massificação de opiniões postas ao grande público. Nesse ponto, as conversas – incluindo os absurdos – outrora ditos nos botequins do país para as singelas pessoas que participavam da roda de amigos, agora ultrapassam barreiras dos estados e formam o imaginário da sociedade. As redes sociais democratizaram não apenas a informação, mas também os absurdos daqueles que querem expressar suas opiniões, porém a transmitem com base em fake news e objetivando a reforma de pensamento para a conquista de objetivos políticos maiores.

Buscando a história recente, os Estados Totalitários necessitavam do instrumento da propaganda para a reforma do pensamento, então a mentira era apresentada de forma oficial como verdade e a percepção dos fatos pelo indivíduo era maculada na sua origem. As Democracias modernas, cientes desse risco, criaram alguns “antídotos” até então eficientes, como o jornalismo atuando de forma livre de interferência do Poder Público dentro de limites de códigos de ética profissionais e linhas editoriais (que visam garantir que o fato será retratado com o mínimo possível de interpretação pessoal do comunicador) é um exemplo. A importância desse “antídoto” é tamanha, que no Brasil foi posto de forma expressa no artigo 220 da Constituição Federal de 1988 (“A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.”) e seu parágrafo 1º assegura que “nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e



XIV”, o qual é complementado pelo parágrafo 2º que veda terminantemente qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Para grande parte dos eventos de relevância na sociedade somos meros espectadores e não estamos presentes para observar o fato em si e seus bastidores. Essas ocorrências nos são trazidas por terceiros e a responsabilidade de imparcialidade da informação é tão grande para o funcionamento harmônico da sociedade, que é motivo pelo qual as Democracias modernas buscam assegurar a liberdade de imprensa, a qual, seguindo códigos de ética e exercidas por profissionais com a responsabilidade, tentam apresentar uma “fotografia” do acontecimento para que o indivíduo que receba a informação, por mais que não esteja presente no momento do fato, possa extrair a verdade pela sua própria interpretação. Além disso, é feito outro controle, agora de natureza social, no qual o veículo de comunicação ou o profissional que porventura não atue dessa forma retilínea terá sua credibilidade questionada perante seus pares e pelo resto da sociedade.

Obviamente o que foi apresentado é uma realidade um pouco utópica. As dinâmicas sociais não seguem uma regra de perfeição e não é incomum, citando um exemplo, que governos consigam uma certa ingerência nas informações por meio da discricionariedade do repasse de verbas públicas destinadas à publicidade (e a ameaça do corte desses repasses). Porém, as Democracias possuem diversos mecanismos que permitem a criação de novos “antídotos” com mais celeridade do que outros modelos, constatando algum sinal de envenenamento de seus princípios a cura viria rapidamente.

Aqui voltamos a uma posição central, sendo que o indivíduo, sociedade e Estado não são estanques. Estes vão mudando de forma com o tempo, e o mundo vai admitindo e criando arquiteturas, embora estruturalmente permaneça muita das vezes com os mesmos pilares.

Hoje vivemos no que vários chamam de pós-modernismo, marcado pela hiperinformação, o qual Byung-Chul Han, filósofo coreano cita em sua obra sociedade da transparência “as cores não são admitidas como ideologias, mas apenas como opiniões desprovidas de ideologias (...) Totalmente transparente só pode ser o espaço despolitizado.” (Han, 2012, p. 23, 37)

Eis que surge um novo problema para as Democracias, a desinformação realizada pela internet. A desinformação é gênero, no qual existem algumas espécies, sendo uma delas as



chamadas fakes news, que são caracterizadas por notícias de conteúdo falso, simulando todos os aspectos que uma notícia tradicionalmente se apresentaria como verdadeira. O controle para não circulação desse conteúdo é um dos grandes desafios de diversos ramos da sociedade. Perpassa pelo Direito, Jornalismo, e vai ao encontro de áreas distantes como as áreas tecnológicas na disseminação em massa.

A internet e o avanço da inteligência artificial mediante os “algoritmos” de reprodução das redes sociais para nos enviar conteúdos que possivelmente iremos gostar, nesse ponto permitiram que a notícia falsa chegasse em segundos para o indivíduo que está passando já passou por algum processo de reforma do pensamento. Ocorre que as notificações falsas agora servem para reforçar seus novos valores e ideias. Na prática funcionam como confirmador de uma ideia ou pensamento ideológico. Apesar de mostrado como verdade para o público, seu conteúdo não possui contexto factual, acadêmico ou científico. Também carece de fontes confiáveis, uma vez que só é apresentado o argumento, porém seu nexos causal com a realidade é inexistente. Logicamente os cultos tradicionais e a política Populista encontraram seu novo grande filão para recrutamento, persuasão psicológica, difusão de suas ideias e, por fim, a reforma do pensamento.

A manipulação por meio de redes sociais para influenciar a política e a Democracia não é mais novidade, ainda mais depois de escândalos como o caso *Cambridge Analytica*. Contudo, provavelmente o acontecimento mais anômalo, e que demonstra que o uso de fakes news nas redes sociais é capaz de fazer com que pessoas acreditem nas ideias mais absurdas a partir da realização da reforma do pensamento, seja o caso do *Pizzagate*. Em poucas linhas, durante a campanha presidencial americana de 2016 entre a candidata Hillary Clinton e Donald Trump, o site *Wikileaks* publicou e-mails do então gerente da campanha de Clinton, John Podesta. Entre os e-mails estava uma conversa com James Alefantis, dono de uma pizzaria, e o conteúdo das mensagens era sobre arrecadação de fundos para a campanha da candidata. Entretanto, a partir das redes sociais Reddit e 4Chan surge uma Teoria Conspiratória na qual afirmava que as trocas de mensagens na verdade eram codificadas (e logicamente o usuário que começou a teoria já teria decifrado as mensagens), tratava-se, na verdade, de uma rede oculta de pedofilia envolvendo a pizzaria e o Partido Democrata.

Esse escândalo fabricado foi dado o nome de *Pizzagate* (para fingir uma certa credibilidade e fazendo referência ao caso *Watergate*, ocorrido em 1974 que acabou na renúncia e enterro político do então presidente americano Richard Nixon). Cabe salientar que o caso foi



apresentado com várias evidências manipuladas, ocasionando que pessoas dos mais variados níveis de proximidade ao então candidato (e posteriormente eleito) Donald Trump começassem a compartilhar nas redes sociais a notícia falsa. O que até então era um absurdo que estaria nas entranhas obscuras da internet ganhou credibilidade e algumas pessoas em posição de idoneidade estavam compartilhando. Para completar o caso, a Teoria Conspiratória foi impulsionada por sites extremistas que apoiavam Donald Trump, acarretando da mentira se tornar “verdade” para uma parcela das pessoas, uma vez que a própria mídia que possui “credibilidade” pública assumiu a história inventada em fóruns de discussão da internet.

Por fim, e como trágica consequência, no dia 4 de dezembro de 2016, Edgar Welch entrou armado no estabelecimento comercial com o objetivo fazer justiça com as próprias mãos, investigar e desarticular a “rede de pedofilia” e acabou preso. Como conclusão, constatou que no local era apenas uma pizzaria.

Contudo, apesar das fake News estarem em voga como algo comum, existem outras formas de alteração da veracidade dos fatos ao noticiar algum acontecimento. A chamada “pós-verdade” é mais refinada em comparação com a fake news, posto que a princípio é uma verdade, porém pode ser classificada como uma hipérbole da verdade, e a interpretação se faz de maneira tão exagerada que chega na fronteira do que poderia ser classificado como mentira.

E, por fim, Teorias Conspiratórias é uma maneira de explicar os acontecimentos abstraindo a verdade e criando mentiras especulativas. É inegável que Teorias Conspiratórias apresentam falsa complexidade ao mundo que muitas das vezes soa como monótono - não é incomum vermos projeções de cientistas sociais para determinado acontecimento que parece que utilizaram uma “bola de cristal” para prever. A constatação dessas projeções não é porque essas pessoas sejam dotadas de clarividência, mas a sociedade possui um “quê” de previsível, e a reação muita das vezes estará entre algum leque de ações já vistas anteriormente. As Teorias Conspiratórias tentam dar uma profundidade misteriosa nos acontecimentos da história, negando a verdade de que o ser humano é na maior parte do tempo raso e previsível, ou, nas palavras de Steven Pinker,

uma ideologia pode proporcionar uma narrativa satisfatória para explicar eventos caóticos e infortúnios coletivos de um modo que lisonjeia a virtude e a competência dos crentes, enquanto permanece vaga ou conspirativa o bastante para evitar um escrutínio cético. (Pinker, 2019, p. 747)



Esses mecanismos são eficientes para a reforma do pensamento, criam narrativa dos acontecimentos que voltados para um grupo servem para reafirmarem constantemente seus valores, além de todo momento questionarem a própria realidade dos fatos perante os demais. Como resultado dessas ações, cria-se a situação de que aos de dentro comprova o que é apresentado e aos de fora cria aquela dúvida sobre o fato apresentado. Tudo se torna dúbio, uma vez que o fato será sempre “ornamentado” com teorias conspiratórias, hipérboles ou fake News. A pergunta está em quem irá acreditar e sob quais argumentos o sujeito comprará a ideia ali contida

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço de princípios de direitos fundamentais que foram consequências das democracias modernas pós-segunda guerra como o da dignidade da pessoa humana, é inimaginável pensar como médicos nazistas, ignorando seus juramentos e sua própria humanidade, foram capazes de selecionar pessoas que seriam exterminadas em câmaras de gás. Maneira semelhante, cabe a indagação de como uma sociedade que outrora promulgara a Constituição de Weimar, mas ainda rancorosa com as medidas adotadas após a 1ª Guerra Mundial, foi capaz de abraçar uma ideologia tão bárbara.

Acreditamos que nossa sociedade evolui para evitar que atrocidades dessa forma tenham sido superadas, mesmo que a história recente já tenha demonstrado o contrário (vide os genocídios em Ruanda em 1994 e na Bósnia e Herzegovina em 1995). Essas monstruosidades foram possíveis, pois a população de certa localidade foi manipulada para, diretamente ou indiretamente, abraçarem ideias extremistas. Para isso, a propaganda e a manipulação dos fatos foram decisivas para essa mobilização sanguinária. Não pretendemos fazer um exercício de futurologia para profetizar um horizonte nebuloso no qual a desinformação poderia levar para um novo genocídio, porém inquestionável é o fato de que os métodos da reforma do pensamento são capazes de causar mortes e atordoar as instituições democráticas.

Como já aduzido, é comum que a maior parte das pessoas consuma a informação sem contrastar mediante pesquisas a informação ali contida. A grande questão é que a desinformação propagada em massa gera impactos na percepção da realidade, na vida de pessoas como o caso Fabiane Maria de Jesus e na própria democracia que é colocada em risco mediante o descrédito de suas instituições.

A desinformação é uma mentira travestida de verdade e não um fruto de um mero



acaso. É um instrumento complexo, utilizado por grupos políticos com o objetivo de radicalização de seus seguidores, reforma do pensamento e, em último caso, ascensão no cenário político. O Populismo encontrou sua forma atual de controle das massas. Apesar do avanço das legislações e dos meios políticos que dificultaram o monopólio da desinformação por líderes Populistas que flertam com ideias totalitárias, esse movimento encontrou novas formas, também eficientes, para continuar vivo e se replicando.

Por isso o direito, como ciência que está em desenvolvimento constante, não basta por si só e necessita de pensamentos externos para que se possa chegar a conclusões que talvez não fossem possíveis de serem alcançadas caso não fossem multidisciplinares. Nesse caso, contrastar os fatos históricos e sociológicos com o Direito só demonstra que precisamos analisar o conjunto da obra e não apenas o preceito jurídico.

Com conclusão aos argumentos apresentados, podemos destacar que o culto e o populismo são complementares, uma vez que funcionam como engrenagens que fazem o maquinário funcionar. O populismo necessita da típica adoração ao líder das relações de culto, ao tempo que o cultismo, mesmo nos grupos que se situam distantes da política, faz uso da integração de seus membros a partir de discursos vagos e característicos da política populista.

Como resultado dessa junção, as democracias se tornam alvo fácil, uma vez que são corroídas por dentro de suas próprias instituições a partir de ideologias extremas, porém travestidas de processo democrático. A relação “culto, populismo e democracia” é a fórmula para impostores apunhalarem os conceitos democráticos e se apropriarem do poderio estatal. As relações de poder se mantêm iguais, porém agora com o advento da dificuldade de regularização dentro das redes sociais e meios eletrônicos. A reforma do pensamento se tornou online e inclusiva a toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. 1ª Edição. São Paulo. Editora: UNESP, 2015

CANOSSA, Carolina. **Pizzagate: o escândalo de fake news que abalou a campanha de Hillary**. Super Interessante, 2016, [Pizzagate: o escândalo de fake news que abalou a campanha de Hillary | Super \(abril.com.br\)](#) . Acesso em: 23 Dez 2020





CHOMSKY, Noam. **Mídia, propaganda política e manipulação**. 1ª Edição. São Paulo. Editora: WMF Martins Fontes, 2013

G1. **FBI desmonta grupo que planejava sequestrar governadora de Michigan**. G1, 2020. [FBI desmonta grupo que planejava sequestrar governadora de Michigan | Mundo | G1 \(globo.com\)](#) . Acesso em: 23 Dez 2020

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. 1ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2016

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2018

LIFTON, Robert Jay. **Losing reality: On cults, cultism, and the mindset of political and religious zealotry**. Editora: The New Press, 2015

PINKER, Steven. **Os anjos bons da nossa natureza**. 1ª Edição. São Paulo. Editora: Schwarcz S.A., 2013

RIBEIRO, Ana Gabriela. **Mulher morta após boato em rede social é enterrada em Guarujá, SP**. G1, 2014. [G1 - Mulher morta após boato em rede social é enterrada em Guarujá, SP - notícias em Santos e Região \(globo.com\)](#) . Acesso em: 23 Dez 2020

Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. The Guardian, 2018, [Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach | News | The Guardian](#) . Acesso em: 23 Dez 2020

SINGER, Margaret Thaller. **Cults in our Midst: The continuing fight against their hidden menace**. 1ª Edição. Editora: Jossey-Bass, 2003

MENDONÇA, Ana. **Moraes lê ameaça ao STF: 'Que estuprem e matem as filhas dos ordinários ministros'**. Estado de Minas, 2020. [Moraes lê ameaças ao STF: 'Que estuprem e matem as filhas dos ordinários ministros' - Política - Estado de Minas](#) . Acesso em: 23 Dez 2020

ZYLBERKAN, Mariana. **Ex seguidores se dizem ameaçados pela cientologia**. Veja, 2012, [Ex-seguidores se dizem ameaçados pela cientologia | VEJA \(abril.com.br\)](#) . Acesso em: 23 Dez 2020